

ACADÉMICOS

Arquitectura

ARQUITECTURA E ARTE

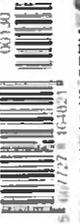
Nº130 • 2018 • €11

[E]M]TRANSIÇÃO

[I]N]TRANSITION

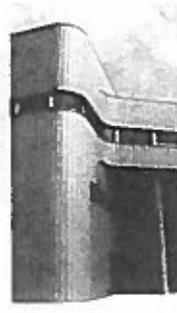
B-ARQUITECTOS
TÓNIO OLIVEIRA
RORA ARQUITECTOS + FURC
FARINA BIANCHI PRATA
LECTIVO WAREHOUSE
RPO ATELIER
AQUIM VIEIRA DE MAGALHÃES

REVISTA FÉLIX BARAONA
(IA) GONÇALO FURTADO, BERNARDO D'ORFELY MANOEL
(S) JOANA REGO (DESIGN) CARLA CARBON
SIER ACADÉMICOS) ISCTE + CUD



ISSN: 1647-077X

NOTAS SOBRE PRODUÇÕES ARQUITECTÓNICAS PORTUGUESAS ORGANIZADAS NA ÚLTIMA DÉCADA



POR GONÇALO FURTADO

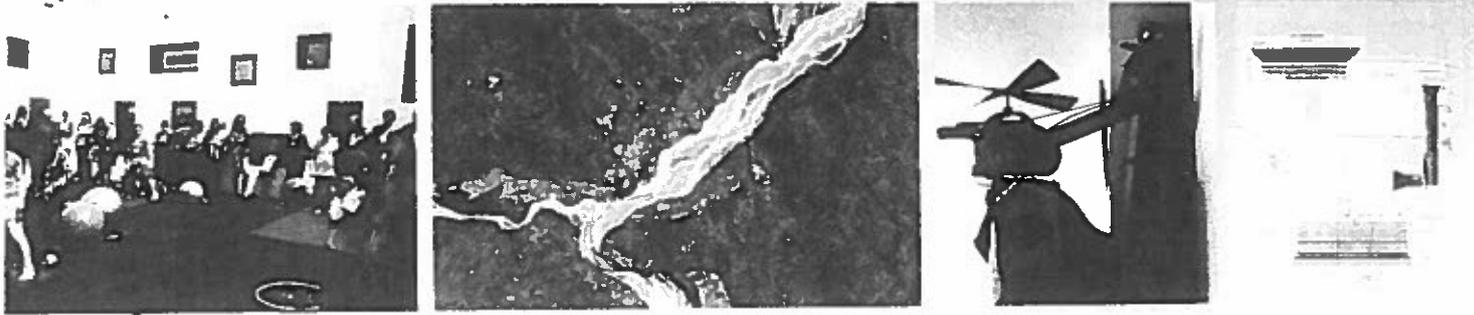
GONÇALO FURTADO É LICENCIADO PELA FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO, MESTRE PELA UNIVERSIDADE POLITÉCNICA DA CATALUNHA, E DOUTORADO PELA UNIVERSITY COLLEGE OF LONDON. FOI BOLSEIRO DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA, TENDO TAMBÉM INVESTIGADO NO CANADIAN CENTRE FOR ARCHITECTURE, NA WIEN UNIVERSITY, E NA ARCHITECTURAL ASSOCIATION COM SUPERVISÃO DE NEIL LEACH E APOIO DA FLB. FURTADO É PROFESSOR NO MESTRADO E DOUTORAMENTO DA FAUP, TENDO NO PASSADO LECCIONADO NA FACULDADE DE ENGENHARIA E SIDO "VISITING PROFESSOR" NA ESCOLA DE BARCELONA. FOI CONFERENCISTA EM VÁRIAS INSTITUIÇÕES EUROPEIAS, NORTE E SUL AMERICANAS, E ORGANIZOU

Como referi em conjunto com Pedro Castelo (em "Notas sobre produção arquitectónica portuguesa... Tracing Portugal emergent architectural practices") - "usar o termo arquitectura portuguesa "pretende criar um sistema de produção... e a produtividade comportada cartografar as tensões que o actual status do sistema-arquitectural passivo, mutidiscursivo, globalizado e mediatizado, comporta na escala de pequenas geografias culturais. Essa tensão baseia-se em rupturas e continuidades do próprio sistema de produção (em termos ológicos, formais e críticos), uma dialéctica permanente e não resolvida no actual estado da arquitectura portuguesa".¹ No entanto, a arquitectura nacional possui uma "interessante hibridez", entre a modernidade e sua revisão, que veio a ser reconhecida internacionalmente, aquando dos avanços da globalização. Como referi com Pedro Castelo, a arquitectura nacional posteriormente atendeu a uma "urgência de posturas diversas num lugar-collage". Isto é, para lá da dialéctica norte/sul, progressivamente veio a sedimentar-se no território nacional "maior homogeneidade no que respeita à intervenção arquitectural, à característica das comissões e do sistema produtivo"²; "como a fundar-se "um lugar pós-modernamente mais maduro e diferenciado na inevitabilidade do global. Desde os anos 80 a disciplina explodira em escolas, quantidade de práticas e métodos, convergindo num ambiente mediático; e [meados dos anos 90], este ambiente tem favorecido a visibilidade de novas gerações, progressivamente heterogéneas mas unidas por um desejo e capacidade explícita de se relacionarem com o mundo da construção como com outras plataformas de disciplina".³

Actualmente salientam-se ateliers de diferentes geografias do território nacional, que operam num sistema-arquitectura que, ao longo da última década, atravessou um grande desafio de cariz económico-cultural. Acrescentadamente torna-se pertinente salientar que a existência de pelo menos duas gerações, passíveis de serem definidas não meramente pela década de formação e/ou fundação de atelier. Gerações que, em conjunto, oferecem um leque amplo de projectos de qualidade demonstrativos da capacidade de tirar mais-valia de um contexto nacional com poucos recursos produtivos.

Mas mais do que simplesmente agrupar ateliers nas correspondentes gerações, parece pertinente remetermo-nos para a "receptividade crítica" do diagrama proposto pelo conjunto de práticas. Identificam-se gerações que em conjunto continuam a operar continuidades e rupturas no sistema produtivo da instituição, expressando um momento do país em que se encontra cristalizado o reconhecimento da arquitectura no mundo sócio-cultural, em que se exponenciou simultaneamente a mobilidade, burocracia e mediatismo; mas em que persiste uma urgência de construir o território consistentemente. Novas gerações que possuem, para lá de diferenças e similitudes, se quiserem responsabilizar interventivamente em tal território, avançando "ideias transformadoras" e, por vezes, incorporando dimensões críticas ao status existente.

É certo que uma das gerações parece optar por uma atitude de maior segurança, em reinterpretações mais sensíveis às formas espaciais e culturais, enquanto a seguinte geração parece, por vezes, afirmar maiores contrastes críticos. Mas em conjunto, ambas as gerações revelam uma maior humildade relativamente ao precedente elitismo ao sistema de star-architects existente, uma maior aceitação da pluralidade, e um



maior domínio da imagética, da experimentação formal e da proposição e formas de habitar. De facto, mesmo em situações em que se força a maior especulação imagético-formal, persiste uma certa tectónica característica da arquitectura portuguesa, potenciando mais consistentemente um experimentalismo de ideias pelo projecto.

Tal, em grande medida, ocorre no seguimento do apaziguamento e muitos dos experimentalismos eclodidos na transição da década e 2000. Por exemplo dos Auzproject, que souberam ganhar patine a artr da criatividade anunciada nos seus iniciais projectos (por exemplo o "AUZbase" de 2000 destinados a uma população urbana de sem-arigos, ou no "III" de 2003 constituído por um lápis demolidor), para m pragmatismo (inclusive construtivo) maturado até hoje, continuando realidade tardocapitalista do mundo mundo da construção. Tanto já os prometiam em 2004!

II Mafalda Bataina (1971), formada pela FCTUC e antiga colaboradora e Hestnes Ferreira, fundou os AMB em 2006. É autora de vários projectos dotados de pragmatismo, estético e construtivo: salientando-se uma ensibilidade que pretende criar "espaços criativos e funcionais... sendo cada projecto único e... pormenorizadamente detalhado de forma a garantir uma maior eficácia na sua fase de obra".

Joaquim Magalhães (1972), formado pela FAUP e FEUP, fundou o FM+SM em 2006. Em Timor, projectou uma capela em lugar de outra interiormente destruída pela guerra, ponderando a identidade cultural: uma integração na natureza. "Rejeitando modas efémeras e nostalgias clacissantes", propôs uma fenomenologia espacial, composta por luz, materialidades, que foi enriquecida pelo simbolismo "céu/mundo" do telhado Timorense.

António Oliveira (1973), formado pela ESTAC, FAUTL e Universidade de Manchester, vem modernizando a paisagem de Sever-do-Vouga com equipamentos tectónicos, como a Biblioteca municipal e o Terminal de transportes, projectado com Pedro Cordeiro, ou a Escola de ensino básico. Nas proximidades, fruto de uma década de labor com o seu pai, tem consolidado o "Moleiro da costa-má", complexo composto por casas rústicas, moinho, instalações agrícolas, uma frente de rio, acessos e estacionamento. Acresce um enigmático equipamento turístico-cultural, envolvido por uma pele em cortiça, que encerra no seu interior um emaranhado de refúgios individuais, espaços de sociabilização por entre circuitos, frescas brisas e vistas para o rio.

Catarina Prata (1976), formada pela FAUP e ex-colaboradora de

profissionais como Souto de Moura ou Carlos Prata, fundou CPRATA em 2014. No projecto para as "Águas do Porto", acomodou o programa principal em edificado pré existente, reabilitando-o e ampliando-o com uma segunda esbelta pele transparente destinada a galeria de distribuição. Com competência, sensibilidade e contraste, confere às duas componentes espaciais "linguagens arquitectónicas totalmente distintas, expressão das condições técnicas e culturais dos diferentes tempos de construção".⁶

Filipe Paixão, premiado com a menção honrosa "Under40" da Concreta 2017, fundou o CORPO em 2014. Define CORPO como "um atelier de arquitectura e arte, focado na exploração da anatomia arquitectónica e na operação de "projectos de média e pequena escala, tanto... de construção nova ou reabilitação... Projectos ricos que procuram uma relação próxima... espaços significantes de intimidade, através de uma abordagem sensível e ngerosa". Acresce o interesse conceptual dos nomes atribuídos aos seus projectos e desenhos de processo.

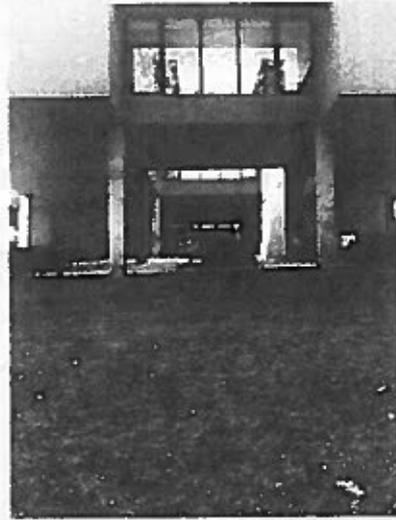
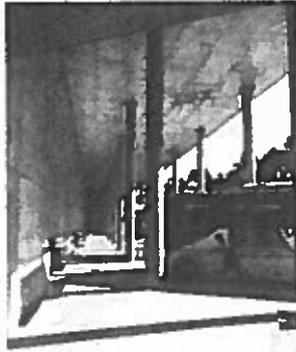
IV Já Sofia Couto (1980) e Sérgio Antunes (1977), formados pela Lusíada, e membros do antigo colectivo KAPUTT, fundaram o atelier AURORA em 2010. Para nortejar a sua prática, estabelecerem um interessante "protocolo" que contempla: proceder à "síntese da pergunta" (i.e. a singularidade de cada projecto); à consciencialização de que a "leitura do lugar é complexa, subjectiva e transversal" e que o "ritual transcende a função"; bem como atende à "gestão das expectativas", ao "lêxico construtivo local" e à actual realidade "local vs global". Tudo isto para "redesenhar a forma de pertencer a um lugar" e demais "bónus"; sendo que no âmbito desta penúltima pretensão, visam dotar os seus projectos de "um extra que tem o valor do espacial no meio do normal; i.e. operar sobre situações regulares transformando-as em experiências ricas".⁵

Inquestionavelmente tal acontece em muitos projectos, que parecem ter herdado muito da criatividade dos Kaputt, bem como em acções de catalogação e "hibridez".

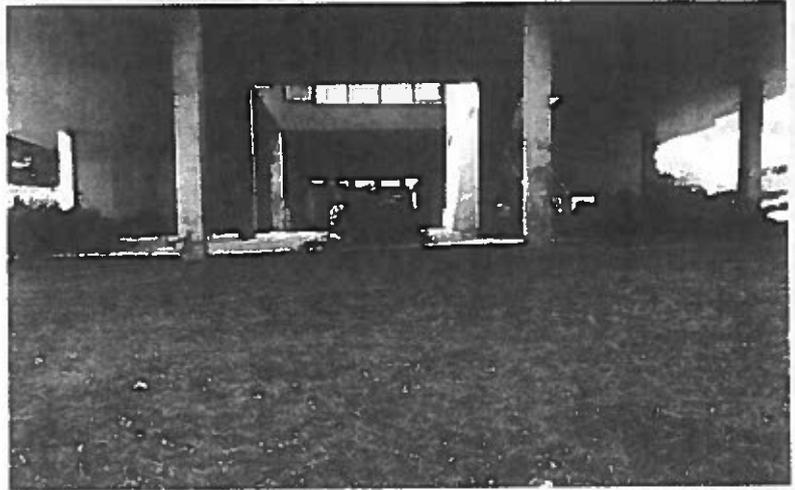
Neste conspecto, gostaria de fazer uma pausa para recordar tratar-se de um contexto específico, aquele que envolveu a prática destas mais recentes gerações. Contexto bem expresso na memória descritiva do projecto "Trojan horse was a unicom - Oasis", que refere: "A crise económica dos últimos anos pautou a entrada da nova geração de arquitectos no mercado do trabalho. Aliado a uma crise na própria arquitectura, as opções para a maioria dos jovens arquitectos eram emigrar ou adaptar-se ramificando a sua área de intervenção".⁹



CENTRO DE ESPORTES DE SEVER DO VOUGA – ANTÓNIO OLIVEIRA E PEDRO CORDEIRO



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SEVER DO VOUGA – ANTÓNIO OLIVEIRA E PEDRO CORDEIRO



WAREHOUSE, em particular, consistem num colectivo de arquitectura e arte fundado na presente década, por Rúben Teodoro, João Morais, Sebastião Betton e Matilde Mozzi. Definem-se pela *postura do que é...o papel do arquitecto contemporâneo... procura uma práxis arquitectónica...em projectos no espaço público e do... e entendendo o processo construtivo como um momento de artilha, de ensinamento e aprendizagem. A Warehouse desenvolve uma arquitectura participativa em projectos de âmbito cultural e social, que o desenho e construção participativo...apoia-se em processos de mediação, fomentando a participação, inclusão e apropriação*.¹² Para nortear a sua prática, estabelecerem também um interessante "ponto de vista" que contempla: a "mediação" (i.e. vocacionam-se para uma arquitectura participativa), a "activação urbana" (operando no espaço público), a "intervenção social", a "aprendizagem social", privilegiando sempre um carácter de "investigação/acção", "experimentação" (i.e. fuga a convenções) e "hand on" (i.e. um envolvimento directo). Salientar, sobretudo a esta penúltima pretensão de experimentação, o facto de gerar algo muito produtivo para a evolução das presentes e futuras práticas portuguesas: "No panorama frenético actual é necessário estar constantemente actualizado. Para acompanhar as últimas correntes de conceitos relacionados com as áreas em que o colectivo intervém, envolve-se um trabalho sistemático de pesquisa e procura de informação. A investigação cria uma estrutura necessária para que a prática do colectivo seja mais organizada e consistente. Esta é depois testada através de uma intervenção prática que permite que os conceitos e metodologias do colectivo madurem e sejam afinadas".¹³ Percepcionando criticamente o diagrama proposto pelo conjunto de práticas aludidas, constatamos a cristalização de uma adaptação à predita realidade massiva, multidiscursiva, globalizada e flexibilizada ao longo das última década, bem como uma capaci-

dade de persistente resistência ao contexto de crise (local/global e económico-cultural) atravessada pela classe do nosso país. No que tange à estabilização de vocabulários formais, elas continuam a oscilar entre as reinterpretações e as recusas críticas; no que tange à dimensão metodológica, elas acentuam o enfoque no processo e materialização; e no que tange à conceptualização criativa elas demonstram uma maturação na sobreposição de conceitos aos espaços. Em conjunto, as duas gerações cartografadas, demonstram desde a arquitectura, balanços entre continuidades e ruptura, bem como "aberturas e relacionamentos", face a uma realidade contemporânea que já não recua. Enriquecendo métodos e conceitos como "motores de projecto", procuram controlando o sistema-arquitectura já consolidado neste nosso século XXI. Um sistema que poderá continuar a mutar positivamente, num clima económico-cultural mais propício que na passada década, caso as práticas portuguesas se pautem pela capacidade de assegurar a sua permanente reflexão auto-crítica.

¹² Vd. no site da "Artecapi" (<http://www.artecapital.net>).

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Vd. biografia de AMB arquitectos.

¹⁶ Vd. memória descritiva do projecto da capela de Cairui, por Joaquim Magalhães.

¹⁷ Vd. memória descritiva do projecto das "Águas do Porto", por CPRATA arquitectos.

¹⁸ Vd. referência do CORPO num site da "Homify" (<https://www.homify.pt>) e também <http://corpoatelier.com>

¹⁹ Vd. site dos AURORA (<http://aurora.com.pt>).

²⁰ Vd. memória descritiva do projecto "THU-Oasis".

²¹ Vd. site dos WAREHOUSE (<http://warehouse.pt>).

²² Ibid.